



CAUSAS DAS GUERRAS

Cel AIRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Sendo a guerra um assunto tão transcendente como inevitável, nunca é demais nos reportarmos às lutas do passado, onde sempre encontramos algo que aprender ou sôbre o que meditar.

Sendo a história a forma por meio da qual se chega ao conhecimento experimental do universo, aquêles que a ela se dedicam, por vêzes lançando mão de conhecimentos de fundo psicológico, procuram, não só determinar a origem das transformações por que passa a arte da guerra, como, também, as causas que motivaram as diferentes lutas.

Ora, é claro que tais modificações são motivadas pelas lutas que se operam através da História, pois elas provocam os sulcos mais fundos na evolução da Humanidade; mas as causas destas contendas são, por vêzes, provocadas por um interesse constante, que, desde há muito, foi lançado entre os povos ou dentro de um mesmo País.

Quando duas ou mais nações procuram resolver os problemas

de interesse comum, por meio das armas, é que, quase sempre, os entendimentos pacíficos foram esgotados. Muita vez, a proposição dêsses problemas é que determina a causa, que vai tomando diversas formas, através do tempo, esperando que o pretexto para a luta apareça.

Assim foi sempre e, parece-nos, continuará sendo.

As primeiras lutas de que temos conhecimento mais preciso, foram as conhecidas na História com o nome de "As Guerras de Conquistas" e, ao recordá-las, verificamos que, sejam as campanhas de Alexandre ou sejam as terríveis investidas de Aníbal, sejam as lutas de César nas Gálias ou as campanhas de Napoleão na Espanha, elas se revestiram das mesmas razões que as "Invasões Holandesas", que culminaram com a luta de raças pelo ideal de um povo, ou que têm as suas causas muito semelhantes às da "Campanha da Etiópia", luta de italianos, cegos pela luminosidade aparente de um Duce imperialista,

contra abissínios selvagens, mas defensores resolutos de seu patrimônio.

As "Guerras Religiosas" que, com as célebres Cruzadas, adquiriram impressionantes proporções, como também, com a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha, tinham suas causas, não só nas crenças que se debatiam em sangue, como, ainda, e agora de um modo mais categórico que até então, nos interesses econômicos em jogo.

As Guerras Sociais que culminaram com a Revolução Francesa tiveram origem na política cega dos governantes, porém, quase todas elas surgiram bem distante do ponto de eclosão, pois o espírito de nacionalidade provocava, constantemente, o amadurecimento completo do "fruto explosivo". Assim continua sendo, até os nossos dias, salvo nas nações onde o espírito de democracia e liberdade ainda não estão bem formados.

A revolução comunista na Rússia foi, como a Revolução Francesa, provocada pela opressão que sofria o humilde em relação aos nobres. Ambas tiveram uma causa comum, embora divergindo completamente quanto ao efeito, pois, enquanto o francês se libertou da tirania, logo após a vitória revolucionária, a Rússia tende, cada vez mais, a acorrentar-se nos elos daquele terrível algóz.

As Guerras da Independência, nada mais foram que luta para as formações das diversas nacionalidades e as repúblicas hispano-sul-americanas estão, ainda, cheias das glórias de Bolívar, San Martín, Artigas, O'Higgins, Sucre, etc... Enquanto a idéia imperialista de certas nações não desaparecer da face da terra, essas guerras não desaparecerão, pois o espírito nacionalista também existe, seja no indonésio, ou em povos mais atrasados, embora ainda em estado embrionário.

Nos tempos modernos e contemporâneos, as guerras são, em geral, motivadas por problemas econômicos. É certo que, se procurarmos analisar, com certo cuidado,

podemos constatar que as lutas de antanho tinham, também, suas causas econômicas em jogo.

Mas, na atualidade e no futuro próximo, dada a amplitude da guerra moderna e os interesses das nações, cada vez mais variados e complexos, as lutas armadas não serão motivadas por fatos novos e sim por um conjunto de todas essas causas anteriores, por todos esses problemas e essas aspirações, que já se encontram completamente arraigadas, hoje, na vida dos povos, às quais se vão juntando os atuais e violentos antagonismos ideológicos, que ultimamente assolaram o mundo e continuam ameaçando-o.

Vamos nos reportar ao prelúdio da guerra que parece haver terminado em 1945.

As grandes crises políticas que se vinham sucedendo na Europa e em suas colônias, a vibração simultânea, em diversos lugares, da ânsia de liberdade e independência, o afã de conquista e predomínio econômico, o desejo mal-são de intervir na vida dos países mais fracos menosprezando a sua soberania, as aspirações de conquista com fins expansionistas, o esforço para não ficar em inferioridade política ou estratégica com relação aos futuros adversários, culminando pelo entrelaço ideológico; eis o conglomerado de razões ou de causas que precipitaram os povos no caos da imensa conflagração, que foi a Segunda Guerra Mundial.

Após a conquista da Etiópia pelos fascistas e as freqüentes violações militares e políticas do Tratado de Versalhes por parte dos nazistas, o Destino determinou que a Espanha fôsse o lugar onde os dois extremismos sentimentais se chocassem, em sangrenta luta, pois ambos pretendiam a hegemonia mundial, esquecendo-se, talvez, que outro idealismo mais puro existia, também, na face da Terra.

Aliás, não foi essa a primeira vez, e talvez não seja a última em que a Espanha desempenhou o papel de "nação provete", pois,

quando, em 1640, a Catalunha rebelou-se contra o governo de Felipe IV, a França veio intervir na luta, que só terminou com a Paz dos Pirineus, perdendo a Espanha parte de suas terras para o povo francês. Mais tarde, quando Carlos da Áustria pretendeu apossar-se do trono espanhol, em contra-posição aos desejos de Felipe d'Anjou, nova guerra assolou o continente, perdendo a Espanha o importante baluarte estratégico de Gibraltar, além de outras terras.

Assim sendo, tudo leva a crer que o passionismo social foi a

causa da última guerra, e, infelizmente, não podemos afirmar que êle não venha ser o principal provocador das futuras lutas.

Sim. Das futuras lutas, pois, no longo decurso da Humanidade encontra-se a guerra em tôdas as suas épocas e, durante longo tempo, embora a filosofia, a religião e a própria razão a condenem, ela persistirá, visto que a guerra é uma lei do mundo, lei da violência e da destruição e que impera, de modo absoluto, no "vasto domínio da natureza viva", no dizer de Maistre.



ARTILHARIA

Compreende a artilharia de:

Campanha;
Costa;
Antiaérea.

A — Artilharia de campanha:

A artilharia de campanha contribui para a ação de tôdas as armas por meio do apoio de fogo que lhes proporciona. Tem duas missões principais no combate:

a) Apóia as Unidades de infantaria (cavalaria e blindados) pelo fogo, neutralizando ou destruindo os objetivos que forem mais perigosos para as forças apoiadas.

b) Dá profundidade ao combate pelo tiro de contrabateria, pelo fogo contra as reservas inimigas, pela restrição de movimentos nas zonas da retaguarda e pela destruição e perturbação dos órgãos de comando inimigos.

B — Artilharia de costa:

O armamento da artilharia de costa consiste em artilharia de costa móvel e fixa, e minas submarinas controladas.

C — Artilharia antiaérea:

A artilharia antiaérea é equipada com canhões antiaéreos, armas automáticas, projetores, aparelhos de radar, balões de barragem e o material necessário para a observação, o comando de tiro e as transmissões. A missão principal da artilharia antiaérea é assegurar proteção local às forças de campanha e às instalações terrestres importantes, contra tôdas as formas do ataque e da atividade aérea do inimigo, de dia e à noite.

O grupo é a unidade normal de emprêgo na artilharia. É êle, com efeito, que dispõe, permanentemente, dos meios de observação, transmissão e ligação necessários ao reconhecimento e à identificação dos objetivos, à ajustagem e ao contrôle dos tiros, e ao entendimento com as tropas apoiadas.

REPRESENTANTES DE "A DEFESA NACIONAL"

PALÁCIO DA GUERRA

EME	— Cel	Ayrton Salgueiro de Freitas
CPO	— Cel	Adailton Sampaio Pirassununga
DPG	— Ten-Cel	Welt Durães Ribeiro
DPO	— Maj "T"	Idácio Leite Pereira
DGP	— Cap	Acyomar Araújo Mello
DMM	— Maj	Alípio de Carvalho
DGMB	— Maj	Gabriel Martins Ferreira
DFR	— Cap	Adhemar Munhoz
COSEF	— Cap	Orlando Raphael Viegas
Gab. Min	— Maj	Arivaldo Silveira Fontes
QG-1ª RM	— Maj	João Guedes Corrêa Gundin
QG-DB	— Maj	Adalberto Villas Boas

Solicitamos às demais repartições que designem seus representantes e a êstes que procurem o Diretor-Secretário, diariamente, entre 16 e 17 horas na A DEFESA NACIONAL.

*
* *

"A autoridade que pratica a justiça cria o respeito e a obediência espontânea; o ataque ao direito cria a resistência e desobriga o dever".

OSÓRIO

*
* *

"Os foros de grandeza envaidecem os bobos; para mim a dignidade de procedimento é o que vale".

OSÓRIO